

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Arqueologia dos documentos de criação em acervos fotográficos

Elson de Assis Rabelo

Começo com uma peleja, uma indignação:

Quando da publicação do CADERNO ESPECIAL DO JORNAL DA BAHIA, comemorativo do ensejo aniversariante de Juazeiro, aos seus 99 anos de cidade, perplexo deparei-me com a inexplicável inclusão de uma fotografia de minha autoria evidenciada na primeira capa da referida edição. Trata-se de um momento artístico da maior importância para meu acervo particular, do qual mantenho até hoje a cópia negativa, que surtiu repentinamente em destaque para toda a Bahia, sem minha expressa autorização, assinada como se fora produção do fotógrafo do *Jornal da Bahia*, adrede preparada para assinalar o transcurso da efeméride máxima de Juazeiro (MACEDO FILHO, 1977).

Nessa carta de 1977, o fotógrafo juazeirense se queixava, em texto preciosista, ao *Jornal da Bahia*, pela publicação de uma foto sua sem a devida autoria e, pior, com a autoria atribuída a outro fotógrafo. Não pude localizar o desfecho da contenda, nem o negativo correspondente à cópia publicada, nem mesmo se o jornal se retratou publicamente ou ressarciu ao fotógrafo.

Pouco tempo depois, o jornal seria franco divulgador das exposições fotográficas que Euvaldo viria a realizar, como *Nas Terras de São Surubim* – no foyer do Teatro Castro Alves, em janeiro de 1979, promovida pela Fundação Cultural do Estado da Bahia –, e *Almas/penitentes*, em abril de 1979, no Instituto Cultural Brasil-Alemanha, ambas em Salvador (JORNAL DA BAHIA, 1979a, 1979b).

Esses documentos, a carta e os jornais, embora não sejam necessariamente visuais, nem contenham imagens, se encontravam dispostos em algumas das várias pastas guardadas no mesmo baú onde o acervo fotográfico esteve desde 1982, ano da precoce morte do fotógrafo, com 30 anos, até sua recuperação, a partir do ano de 2016.

Nesta comunicação, tomamos esses documentos para levantar questões heurísticas relativas ao trabalho técnico de catalogação e à consecutiva pesquisa sobre acervos fotográficos, a partir de experiências recentes que tivemos com os acervos dos fotógrafos baianos Euvaldo Macedo Filho e Voltaire Fraga.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Quando os historiadores e historiadoras se deparam com uma massa de imagens e demais artefatos que ainda não estão disponíveis para a pesquisa, qual noção de documento se desenha diante de nós? Para responder a essa questão, muitas são as tarefas necessárias, desde a aquisição de expertise técnica ao planejamento de estratégias para lidar com a diversidade de materiais.

Elizabeth Edwards (2021) e Aline Lacerda (2012), a partir de contribuições interdisciplinares, respectivamente, da arquivologia e da diplomática, assinalam que tanto quanto o conteúdo da imagem fotográfica, as formas materiais implicam na elaboração de sentidos, seja para quem produziu as imagens, seja para as pessoas e instituições que as armazenaram, seja para os pesquisadores e as pesquisadoras que os investiga e/ou que neles intervém.

Nos casos aqui discutidos, as formas materiais de cópias impressas para exposições, cópias em publicações, as chamadas cópias de trabalho, as folhas de contato, os negativos originais e copiados de diferentes dimensões, os diapositivos e suas molduras, todos são parte de processos particulares de criação fotográfica, situados no tempo da tecnologia, da inserção social do fotógrafo ou fotógrafa, de seu alcance na circulação e nos usos. Porém, assinalamos outros documentos com suas respectivas formas que compõem os acervos e neles incidem, isto é, os documentos escritos.

No caso dos negativos de Voltaire Fraga, como parte incontornável da organização dessas imagens, elas foram acondicionadas em envelopes escritos de caneta, onde se pode ver a possível localização geográfica, a data de captura e por vezes a empresa que encomendou o trabalho. Esses envelopes foram inseridos em caixas de papelão do fabricante Kodak, em diferentes quantidades. O material perfaz o montante de aproximadamente 2.000 imagens, em negativos e cópias cujo número total de cada suporte ainda é incerto.

Nascido em 1912, falecido em 2006, o fotógrafo autodidata começou a atuar no final dos anos 1930, trabalhando para instituições públicas e empresas. Teve uma única exposição individual em vida, em 1999, e uma coletiva, em 1986. Em 1981, já depois de encerradas suas atividades como fotógrafo, Voltaire perde cerca de 9.000 imagens para uma enchente que inundou sua casa, no bairro de Brotas, em

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Salvador. Suas poucas fotografias publicamente conhecidas vieram à luz através de exposições póstumas.

No caso do material de Euvaldo Macedo Filho, que também foi fotógrafo autodidata e era poeta, temos 6650 negativos, cerca de 500 impressões e 500 diapositivos. Em sua trajetória, notamos uma vigorosa inserção nos circuitos da fotografia que começava a se definir como documental e, no seu caso, artística, através da circulação em exposições de instituições diversas, em Juazeiro, Salvador e São Paulo e da veiculação de ensaios em revistas especializadas, como *Íris* e *PhotoCamera*.

Junto a uma volumosa produção escrita em poesia, em sua maior parte inédita, os escritos também são reflexões sobre a fotografia escritas com hidrocor em seus cadernos, papéis avulsos, correspondências, mensagens de autorização, congratulações, resposta sobre publicações a serem adquiridas, solicitação ao fotógrafo de fotografias para publicação, confirmação de recebimento das matérias enviadas para a publicação, convite para participar de uma exposição no MASP, comunicado de seleção de fotografias para o livro “Presença da Criança na América Latina”, e cartas e comunicados póstumos que se foram agregando ao acervo.

Esse material constitui os chamados documentos de processo, possivelmente integrantes da prática fotográfica ou de gestos posteriores de sistematização do trabalho dos fotógrafos, por parte dos próprios fotógrafos ou dos custodiadores dos acervos.

A partir daí, as análises podem se basear em dois níveis interpretativos: a) como o produtor de imagens define seu olhar e desenvolve suas práticas mirando e interferindo sobre as configurações sociais de seu tempo? b) como esses documentos de processo, entrecruzados com as próprias fotos e com vestígios de outras procedências, ajudam o historiador a visualizar o passado e elaborá-lo em narrativa, numa escala que ultrapassa a trajetória individual do produtor?

No caso de Euvaldo Macedo Filho, havia sua recusa ao trabalho comercial e à vinculação com a imprensa, além de uma defesa ardorosa dos projetos autorais independentes, para os quais seu tratamento documental deveria fazer jus a um conceito de arte que ia se reelaborando ao longo de sua efêmera e prolífica obra. A

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

heterogeneidade de documentos de processo, nesse caso, demanda, inclusive, que saibamos deslindar, ainda que provisoriamente, versos poéticos de esboços de propostas de trabalho fotográfico, escritos em variados suportes.

No caso de Voltaire Fraga, as notas e informações indicam sobretudo encomendas privadas, que se encontram ainda em fase de levantamento. De antemão, pelo recorte temporal situado nos anos 1970, perto de quando o fotógrafo encerrou sua carreira, elas aprofundam a compreensão da faceta de um fotógrafo documental de obras recentes de engenharia, faceta mais bem revelada durante a catalogação, contrastando com a memória construída pelas escassas exposições de sua obra, que mostraram, sobretudo, um fotógrafo das festas populares negras ou da arquitetura colonial de Salvador.

Esses documentos de processo, ainda que não sejam imagens e apresentem uma diversidade de faturas, carregam certa dimensão visual, seja nas indicações geográficas e cronológicas mais tímidas, seja na função de nota, lembrete, reflexão sobre a prática fotográfica, funções que variam, para cada fotógrafo e no conjunto de cada acervo, e que colocam para o historiador a necessidade de uma arqueologia e de uma intervenção específicas.

Distante do culto da mera materialidade, especialmente questionado por sua passagem nem sempre cuidadosa ao digital, a expectativa aqui é que esses documentos auxiliem a entender as imagens em seu nascedouro e em sua vida social, como coisas que elas são. Ao redor dos índices fotográficos que repousam nos negativos, de suas cópias em outros suportes, temos investimentos, funções e valorações projetados sobre esses papéis por uma rede de relações sociais, que incluem os fotógrafos, as famílias, os curadores e as instituições expositivas, as empresas, os diferentes públicos, e, claro, o historiador (SALLES, 2010). Sem essa rede, a compreensão da imagem fotográfica, hoje, não seria a mesma.

Resta que, se o documento é resultado de uma criação, ele também é algo que se processa ao longo do tempo. Mesmo quando não interferimos mais nos artefatos materiais originais, seus suportes estão sob ação silenciosa do tempo. Mesmo quando passarmos a lidar, doravante, somente com os documentos

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

digitalizados ou nascidos digitais, também eles serão processados por conversões, transferências, edições, classificações.

## Referências

EDWARDS, Elizabeth. Fotografias: a forma material e o arquivo dinâmico. In: FLORES, Teresa M.; CORREA, Sílvio M. de S.; VASCONCELOS, Soraya. *Imagens & Arquivos*. Fotografias e Filmes. Lisboa: Instituto de Comunicação Nova, 2021. (Coleção ICNOVA).

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, jan.-mar. 2012, p. 283-302.

MACEDO FILHO, Eivaldo. *Carta ao Jornal da Bahia* (CE1). Juazeiro, 19 de jul. 1977.

ROBERTO ALBAN GALERIA. *Voltaire Fraga, hoje (entre o ontem e o amanhã)*. Salvador, 2019 (Catálogo).

SALLES, Cecília. Curadoria de processo. In: \_\_\_\_\_. *Arquivos de criação*. Arte e curadoria. Vinhedo: Horizonte, 2010.

ÚLTIMO dia para ver as fotografias de Eivaldo Macedo no TCA. *Jornal da Bahia*, Salvador, 28 de jan. 1979 [1979a]. Cad. Artes Visuais.

VEJA os penitentes do São Francisco, nas fotos de Eivaldo M. Filho. *Jornal da Bahia*, Salvador, 4 de abril 1979 [1979b]. Cad. Artes Visuais.